

to our findings. However, the lower incidence of IFI in the VEN+HMA setting raises questions about the generalizability of our analysis. It is possible that a specific subset of these patients, particularly those with poor prognostic factors, may still derive benefit from AFP. **Conclusion:** IFI are a less common occurrence in AML patients undergoing VEN+ HMA treatment than anthracycline regimens, but still occur frequently. However, while the use of AFP holds the potential to benefit this subset of patients, the evidence for this review is not definitive, highlighting the need for prospective studies to clarify the role of AFP before implementation in clinical practice. Until then, the decision to use AFP in this group of patients should be individualized.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1911>

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DOS TRANSPLANTES DE MEDULA ÓSSEA NA REGIÃO CENTRO-OESTE, DE 2013 A 2022

PPCO Silva^a, APM Paiva^a, FBJ Croitor^a,
GNR Silva^a, YAS Ivanoski^a, MF Dias^a,
AB Mingati^a, DFB Rêgo^a, MPP Oliveira^a,
GC Vieira^b

^a Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília,
DF, Brasil

^b Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, SP,
Brasil

Objetivo: Analisar e descrever a distribuição epidemiológica dos Transplantes de Medula Óssea (TMO) na Região Centro-Oeste (CO), de 2013 a 2022, com a proposta de identificar padrões e desigualdades dentro da região e em comparação às demais para entender melhor possíveis dificuldades locais e estabelecer estratégias de melhorias e facilitadores para a sua realização. **Materiais e métodos:** Foi efetuado um estudo transversal, retrospectivo, analisando os dados quantitativos, referentes aos TMO realizados na região Centro-Oeste, no período de janeiro de 2013 a dezembro de 2022. Utilizou-se a base de dados do Sistema Nacional de Transplantes para acesso das informações detalhadas dos transplantes realizados e suas quantidades. **Resultados:** Os transplantes, na região CO, variaram de 55 em 2013 a 200 em 2022, com um total de 1285, sendo a quarta em número de transplantes em comparação às outras regiões, representando apenas 4,78%. A unidade da federação com o maior número de transplantes da região foi o Distrito Federal (68,2%), seguido de Goiás (31,8%). Os estados Mato Grosso e Mato Grosso do Sul não fizeram nenhum tipo de transplante. Foram realizados TMO autólogos, alogênicos aparentados e alogênicos não aparentados, respectivamente: Distrito Federal - 693, 143, 41 e Goiás - 316, 92, 0. **Discussão:** Dentre os três estados e o Distrito Federal, 50% não possuem Centro de Tratamento para TMO, sendo eles o Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Isso obriga os pacientes a se deslocarem para outros estados, a fim de realizarem os tratamentos. Em relação às possíveis causas, pode-se mencionar a diferença de médicos hematologistas entre os estados, sendo que o Distrito Federal - o qual realizou mais Transplantes de Células Troncos Hematopoiéticas (TCTH) no

Brasil por milhão de população em 2022- possui um número de profissionais maior em comparação ao Mato Grosso e Mato Grosso do Sul. Nota-se também que o Distrito Federal possui dez centros especializados no TCTH, fator facilitador para o atendimento. Outro fator reside em determinantes geográficos, sendo que a capital do país está no Distrito Federal, contribuindo para o destino de recursos materiais e humanos, dificultando a criação de novos Centros de Tratamento em outros estados. **Conclusão:** O TMO é uma ferramenta terapêutica de fundamental importância para várias patologias, por vezes a única chance de cura para os pacientes que necessitam. Apesar disso, após a análise comparativa, foi possível observar não só uma significativa inferioridade entre CO e as outras regiões do país, quanto uma grande disparidade entre as confederações da própria região. Para que a redução da iniquidade regional seja alcançada, há urgência do direcionamento de investimentos e profissionais aptos a realizar o TMO para os estados do CO que ainda não o realizam.

<https://doi.org/10.1016/j.htct.2024.09.1912>

PERFIL EPIDEMIOLÓGICO DA ANEMIA FERROPRIVA NA POPULAÇÃO PEDIÁTRICA DO CENTRO-OESTE

AB Mingati, LM Matos, YAS Ivanoski,
MZ Rodrigues, APM Paiva, NV Gimenes,
JPO Gomes, WO Santos, JGDV Holanda,
DFB Rêgo

Universidade Católica de Brasília (UCB), Brasília,
DF, Brasil

Objetivos: Investigar os aspectos epidemiológicos da Anemia Ferropriva na população pediátrica, com o objetivo de identificar os fatores de risco e padrões de incidência que possam ser alvos de futuras estratégias de prevenção e cuidado. **Material e métodos:** Trata-se de um estudo transversal, retrospectivo, com uma análise quantitativa dos casos de anemia ferropriva na população pediátrica na região Centro-Oeste (CO) no intervalo de 2013 a 2023. Os dados foram obtidos na plataforma DataSUS, e as variáveis estudadas foram: idade, internações, cor/raça, sexo e regiões do CO. **Resultados:** O perfil observado da anemia ferropriva na população pediátrica do Centro-Oeste no período de 2013 a 2023 apresenta predominância de crianças menores de 1 ano e de 1 a 4 anos, representando, na faixa etária até 19 anos, respectivamente, 26,2% e 28,1%. Em relação à cor, nota-se predomínio da população parda, 41,6% do total. O sexo feminino é o mais acometido, com notificação de 713 mulheres e 497 homens. Dentre os estados da região Centro-Oeste, Goiás e Distrito Federal possuem o maior número de casos, com praticamente a mesma quantidade, 318 e 319 respectivamente, sendo que o Mato Grosso apresentou o menor número de internações, 266. **Discussão:** A partir dos resultados obtidos, tem-se que há uma maior prevalência de anemia ferropriva em crianças menores de 1 ano e de 1 a 4 anos refletindo, a vulnerabilidade dessas faixas etárias devido às suas elevadas necessidades de ferro durante os primeiros anos de vida, uma vez que a reserva de ferro armazenada no fígado começa a diminuir após os 6 meses de vida, além de